

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: J.B.

Data: 21/3/99 Pg 28

Class: 4405

# Reserva de Mata Atlântica vira parque

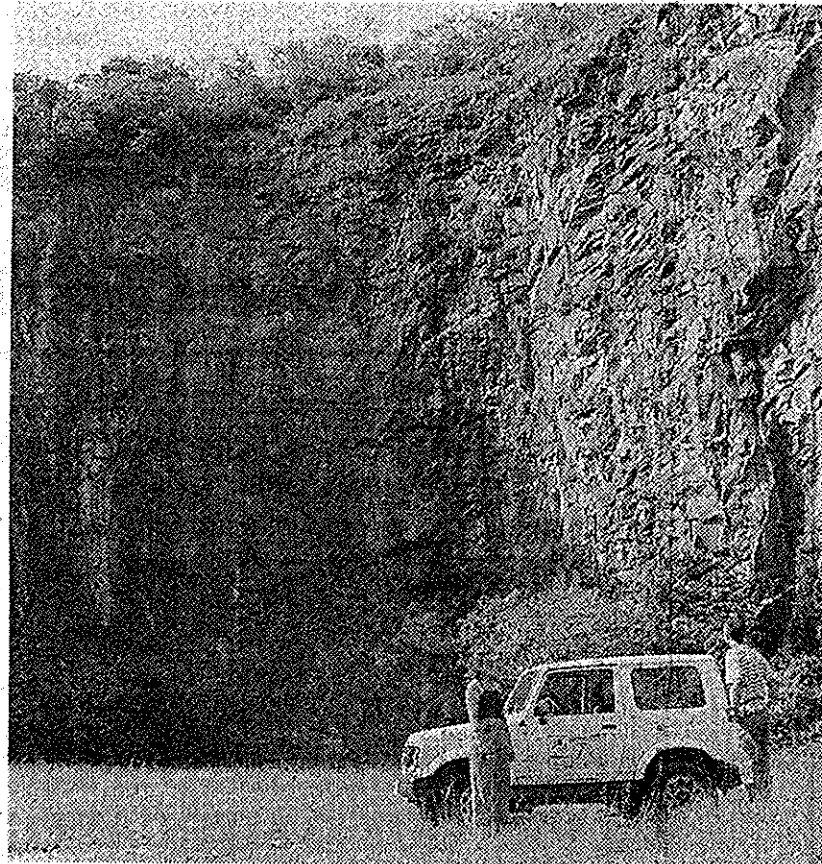
28 de março de 1999

ALUIZIO FREIRE

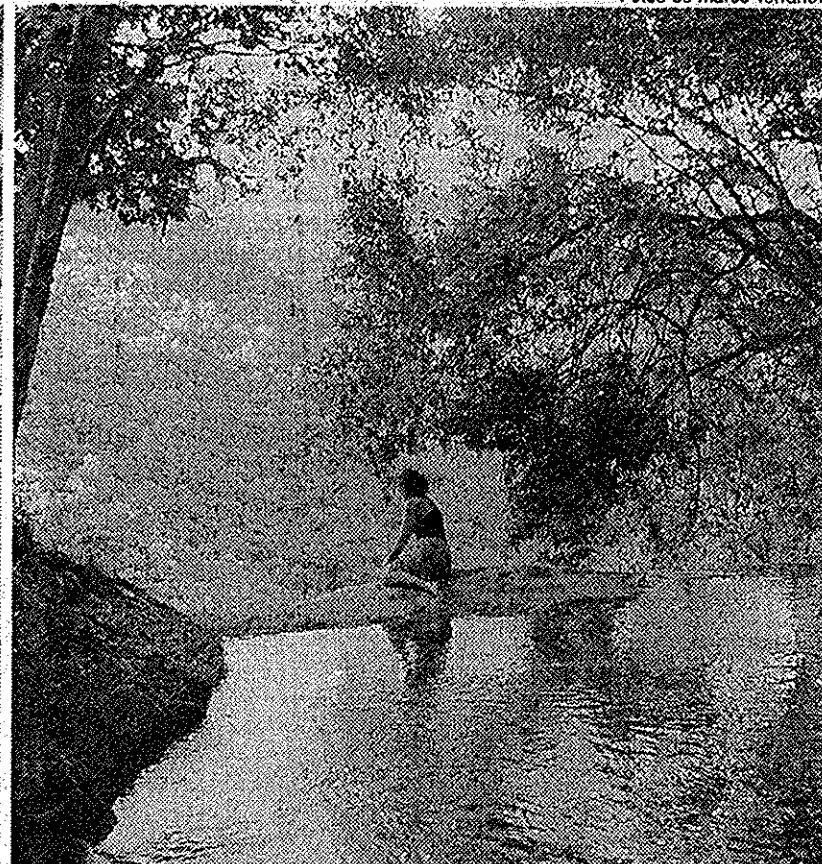
Para defender uma área de 1,1 mil hectares – o equivalente ao bairro de Copacabana ou a 10 Aterros do Flamengo – ameaçada por ocupações ilegais, a prefeitura de Nova Iguaçu adotou uma estratégia ousada. Disposta a evitar a destruição da reserva coberta por Mata Atlântica e abrigo de riquezas da fauna e de várias espécies vegetais, a prefeitura resolveu assumir a administração da Serra de Madureira, que era gerida exclusivamente pelo estado. Com a medida, foi criado o Parque Municipal, inaugurado em fevereiro, e construída uma guarita na entrada para impedir novas invasões. A prefeitura aguarda agora a definição de uma ação na Justiça para expulsar os que já tinham invadido.

Embora a ocupação pareça pequena, já que representa apenas 2% da área do parque, os invasores demarcam os limites de forma proporcional: são verdadeiros sítios, cercados por arame farpado, com terrenos de aproximadamente 80 mil metros quadrados. Já foram identificadas 32 ocupações ilegais, até mesmo de entidades religiosas. A poucos metros da entrada, próximo à Represa Epaminondas Ramos, foi construído um espaço para retiro da 1ª Igreja Batista de Lajes de Paracambi. Alguns dos "moradores" chegam a cobrar para que visitantes tomem banho em cachoeiras, apesar de a área ser pública.

"A maioria aparece nos fins de semana, com a família, e ocupa a região como se fossem proprietários. Cercam os sítios e aos poucos vão tomando posse", afirma o secretário municipal de Urbanismo e Meio Ambiente de Nova Iguaçu, Vicente Loureiro, certo de que a ação será vitoriosa, uma vez que trata-se de área pública e não cabe título de usucapião do imóvel. A prefeitura, no entanto, pretende realizar o despejo de forma



A pedra será transformada em um anfiteatro e o visitante também poderá aproveitar a beleza do Rio Eugênia, onde haverá até pedalinho



Fotos de Marco Terranova

pacífica. "Não temos como pagar indenizações, mas certamente não haverá transtornos. Os moradores efetivos, que devem ser três ou quatro, serão encaminhados para conseguir outra moradia", explica Loureiro.

O morador mais antigo do parque é José Galdino Vieira, de 68 anos. Ele vive com a família num casarão colonial – cuja fachada virou símbolo do parque – onde funcionava a antiga Fazenda Dona Eugênia. Construído no século XIX, o casarão foi erguido com tapinhoá (*Mezilaurus navalium*), madeira extinta há mais de 150 anos. O prédio conserva algumas características originais, como paredes de taipa-de-pilão e alicerces de pedras. Segun-

do historiadores da região, o prédio é o mais antigo no município de Nova Iguaçu que ainda continua de pé.

No maciço da Serra de Madureira história e natureza são exuberantes. Como as ruínas das edificações do Clube de Campo Dom Felipe, que em meados deste século era freqüentado pela alta sociedade. Ali, eram promovidos desfiles, festas, jogos e recepções diplomáticas.

**Acessos** – Os nomes que indicam alguns acessos – Caminho da estiva, Limeiras, Rancho 14, Piteiras, Cambucás, Mata fome, Saquinho, Varginha, Samambaia, Lagoa Azul, Gambá e João do Ouro – por sua vez, revelam a época do apogeu da lavoura cafeeira.

Uma gruta, capaz de abrigar 30 pessoas, é conhecida como Pedra da Contenda, principal núcleo do Quilombo. O local seria usado como esconderijo de escravos fugitivos.

Segundo os historiadores Frederico Fernandes Pereira e Ney Alberto Gonçalves de Barros, há evidências de um cemitério de quilombolas próximo aos limites do parque. "Os montes de pedras encontrados na borda da cratera do vulcão *Quanza* (nome de um rio de Angola), existente no local, possuem características de túmulos de quilombolas", conta Ney, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, que também acredita que a região foi ocupada por índios

Tupinambás até 1567. "O ambiente é rico para muitas pesquisas. Algumas espécies da fauna e flora ainda precisam ser catalogadas", alerta Ney.

Entre as riquezas naturais da região, está a cachoeira Vêu da Noiva, com uma queda de água de aproximadamente 60 metros. A prefeitura também pretende construir um mirante a 300 metros de altitude, de onde será possível apreciar boa parte do parque, os lagos naturais e cachoeiras formados pelo rio Dona Eugênia e até avistar a Baía de Guanabara. A região, bem como os remanescentes florestais que cobrem a serra, faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, homologada pela Unesco em outubro de 1992.

## Restauração resgata ruínas

Em julho de 1998, a Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente de Nova Iguaçu iniciou um Plano de Manejo para a criação do Parque. "Queremos um espaço em que as pessoas possam desfrutar das belezas, mas com preocupações em preservar o patrimônio ambiental", afirma o secretário Vicente Loureiro, contando com parcerias com empresas. "Queremos montar a infraestrutura até o início do ano 2000", completa.

Ao contrário da Reserva Biológica de Tingüá – a 30 quilômetros da Serra de Madureira –, área restrita, o Parque Municipal pretende receber até 1 milhão de visitantes, que pagarão ingresso. Um estacionamento, junto à entrada, será o ponto final dos veículos. Um trenzinho conduzirá as pessoas pelo parque.

Numa antiga pedra, será montado um palco e espaço para shows. O casarão da Fazenda Dona Eugênia será restaurado e transformado em Centro de Educação Ambiental. Nas ruínas do Clube de Campo Dom Felipe será construído um centro de pesquisas com alojamento para os pesquisadores. Serão instalados pedallinhos, quiosques na Estrada da Cachoeira, duchas de fontes naturais em trilhas, remos na represa e um espaço para apreciação da fauna aquática.

A prefeitura já conseguiu alguns recursos. Do Fundo Especial de Controle Ambiental (Fecam), vieram os R\$ 200 mil usados na construção da guarita, de dois banheiros e na compra de um carro para fiscalização. A metade de um empréstimo de R\$ 500 mil, a fundo perdido, repassado pela Secretaria de Recursos Hídricos.